

PROCESSO SELETIVO VAGAS RESIDUAIS 2003

essa cadeira
pode ser sua



SOLISLUNA DESIGN ILUSTRAÇÃO NEMO

15



Universidade Federal da Bahia
Serviço de Seleção,
Orientação e Avaliação
Rua João da Botas, 31 - Canela
CEP 40110-160
Salvador Bahia Brasil
Telefax: (71) 331.4433
e-mail: ssoa@ufba.br
www.vagasresiduais.ufba.br

**ESTUDOS
LINGÜÍSTICOS
E ESTUDOS
LITERÁRIOS**

INSTRUÇÕES

1. Verifique se este Caderno de Questões contém a Prova I: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS e a Prova II: ESTUDOS LITERÁRIOS, cada uma com 50 questões, e a REDAÇÃO.
2. A Folha de Respostas das questões objetivas e a Folha de Resposta da Redação são pré-identificadas. Confira os dados registrados no cabeçalho e assine-o com caneta esferográfica de **TINTA PRETA**, sem ultrapassar o espaço próprio.
3. **NÃO AMASSE, NÃO DOBRE, NÃO SUJE, NÃO RASURE ESTAS FOLHAS DE RESPOSTAS.**
4. Qualquer irregularidade neste Caderno de Questões ou nestas Folhas de Respostas deve ser imediatamente comunicada ao Fiscal da sala.

**ESTAS PROVAS DEVEM SER RESPONDIDAS PELOS
CANDIDATOS AO SEGUINTE CURSO:**

Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna ou com
Letras Clássicas (LIC.)

PROVA I: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

INSTRUÇÃO:

Para cada questão, de **001** a **050**, marque na coluna correspondente da Folha de Respostas:

V, se a proposição é verdadeira;

F, se a proposição é falsa.

A resposta correta vale 1 (um); a resposta errada vale -1 (menos um); a ausência de marcação e a marcação dupla ou inadequada valem 0 (zero).

Questão 001

O “erro clássico” no estudo das línguas consiste, segundo John Lyons, em admitir-se que a língua escrita é mais “pura”, “mais correta” que a fala coloquial e que a preservação da forma escrita evita a corrupção da língua por parte dos iletrados.

Questão 002

Apoio de gestos e expressões faciais; entonação; possibilidade de interferência do interlocutor; ambigüidades decorrentes de homofonia; interrupções, lacunas e retomadas permitem que a modalidade falada da língua seja sempre mais clara e direta que a modalidade escrita.

Questão 003

A compreensão de que o papel do lingüista é descrever e analisar o modo como as pessoas realmente falam e escrevem sua língua revolucionou os estudos da linguagem no início do século XX.

Questão 004

A formulação “Compreender como em tão pouco tempo a criança consegue construir uma gramática, a partir de princípios universais que estão inscritos geneticamente na espécie humana” apresenta uma concepção de língua característica do estruturalismo saussuriano.

Questão 005

Os conceitos de *fonema* e *alofone* e de *morfema* e *alomorfe* são aplicações dos conceitos de *oposição* e *variação* ao nível fonológico e ao nível morfológico das línguas, respectivamente.

Questão 006

Em um enunciado qualquer, lacunas referentes a palavras gramaticais, por serem essas mais previsíveis e sistemáticas, permitem preenchimento a partir de possibilidades mais restritas que lacunas referentes a palavras lexicais.

Questão 007

O conceito de *par mínimo* se baseia na relação paradigmática entre dois sons fundamentais de uma dada língua.

Questão 008

A Sociolinguística e a Dialectologia estudam a modalidade falada de línguas e, enquanto a primeira estuda a distribuição espacial de certos fatos lingüísticos, a segunda busca estabelecer as relações entre certos traços lingüísticos e os grupos de indivíduos dentro da comunidade de fala.

Questão 009

O lingüista, contrariamente ao gramático normativo, costuma determinar regras e corrigir usos com base em causas lingüísticas definidas e no princípio de que a norma é uniforme e inapelável.

Questão 010

A gramática tradicional é prescritiva, enquanto a gramática descritiva pretende estabelecer padrões de comportamento lingüístico.

QUESTÕES de 011 a 025

- Existe a idéia de que há genes responsáveis pela linguagem, mas o encontro de um gene não esclarece nada sobre a lógica da linguagem.
- 5 – A mania por genes é apenas parte da história. A idéia da linguagem ser uma capacidade inata começou a ser recebida com entusiasmo pela primeira vez na década de 60, quando Chomsky pôs a bola para rolar e Eric Lenneberg escreveu o livro “The Biological Foundations of Language”.
- Chomsky examina sentenças – ele é um teórico de lápis e papel. Lenneberg fez o trabalho de apoio – ele é neurologista.
- 10 – Depois, na década de 70, voltou-se à concepção da linguagem como algo cultural e aprendido. Mas, nos últimos cinco anos, várias descobertas fortaleceram a idéia de que a linguagem é inata. Uma delas é que os estudos de aquisição da linguagem revelaram descobertas empíricas que fundamentam essas idéias.
- 15 – Hoje sabemos que as crianças processam mentalmente as seqüências de palavras nos discursos de seus pais, de modo a decodificar a gramática dessa linguagem. E sabemos que elas não podem fazer isso sem regras lingüísticas inatas.
- 20 – Com relação a afirmação de que chimpanzés e outros animais desenvolveram um instinto de linguagem, julgo que, como demonstração teatral de que a linguagem não é exclusiva dos seres humanos, essa é uma afirmação enganosa. É claro que se pode levar chimpanzés a fazer algo semelhante à linguagem humana, mas a interpretação que você dá ao que eles fazem depende do que queremos dizer quando falamos em “linguagem”.
- (Entrevista de Steven Pinker a *New Scientist*. “Genes ensinam criança a falar”, trad. Clara Allain. In: *Folha de S. Paulo*, 10 jul. 1994, cad. 6, p.15. Adaptado).

Questão 011

O trecho “Existe a idéia de que há genes responsáveis pela linguagem” (ℓ.1) apresenta a mesma estrutura sintática do trecho *Ocorre a sugestão de que existem outros meios promotores desse efeito de aprendizagem*.

Questão 012

O trecho “o encontro de um gene não esclarece nada sobre a lógica da linguagem” (ℓ.1-2) apresenta a mesma estrutura sintática do trecho *A invenção de uma palavra não significa muito para o esclarecimento da questão*.

Questão 013

O trecho “voltou-se à concepção da linguagem como algo cultural e aprendido” (ℓ.9-10) apresenta a mesma estrutura sintática do trecho *Começou-se a imaginar a linguagem como uma capacidade inata e universal*.

Questão 014

O trecho “várias descobertas fortaleceram a idéia de que a linguagem é inata” (ℓ.10-1) apresenta a mesma estrutura sintática do trecho *Muitos cientistas apresentaram casos recentes cuja importância depende ainda de observação detalhada*.

Questão 015

O trecho “os estudos de aquisição da linguagem revelaram descobertas empíricas que fundamentam essas idéias.” (ℓ.11-3) apresenta a mesma estrutura sintática do trecho *As pesquisas de aprendizagem da gramática produziram dados importantes que confirmam algumas hipóteses*.

Questão 016

“A idéia da linguagem ser uma capacidade inata” (ℓ.3-4)

“a idéia de que a linguagem é inata” (ℓ.11)

As seqüências acima são semântica e sintaticamente equivalentes.

Questão 017

Na proposição “Existe a idéia de que há genes responsáveis pela linguagem” (ℓ.1), o sujeito do verbo *existir* é oracional.

Questão 018

Na proposição “voltou-se à concepção da linguagem como algo cultural e aprendido” (ℓ.9-10), o verbo *voltar* está na voz passiva.

Questão 019

A estrutura sintática do trecho “A mania por genes” (ℓ.3) pode ser representada pela formulação SN → DET + N + SP.

Questão 020

A estrutura sintática do trecho “demonstração teatral de que a linguagem não é exclusiva dos seres humanos” (ℓ.19-20) pode ser representada pela formulação SN → N + SADJ [ADJ + SP].

Questão 021

Os elementos “com entusiasmo” (ℓ.4) e “mentalmente” (ℓ.14) são, respectivamente, um SP e um SADV e expressam semanticamente circunstâncias de modo.

Questão 022

Mental → “mentalmente” (ℓ.14)

“humana” (ℓ.22) → humanamente

Com base nos exemplos acima, justifica-se a presença do **a** antes do morfema derivacional, por ser uma vogal de ligação com um vocábulo-base terminado em consoante.

Questão 023

Os vocábulos “algo” (ℓ.10), “algo” (ℓ.21) e “várias” (ℓ.10) incluem-se na mesma classe de palavras, a saber, *determinantes*.

Questão 024

Os vocábulos “linguagem” (ℓ.1) “esclarece” (ℓ.2), “capacidade” (ℓ.4), “neurologista” (ℓ.8), “cultural” (ℓ.10) e “aquisição” (ℓ.12) apresentam morfemas derivacionais que **não** alteram a classe da palavra primitiva.

Questão 025

Os vocábulos “sabemos” (ℓ.14), “processam” (ℓ.14) e “julgo” (ℓ.19) apresentam os mesmos tipos de morfemas flexionais, a saber: morfema modo-temporal [ø] + morfema número-pessoal.

QUESTÕES de 026 a 032

[...] Os neogramáticos adotaram o ponto de vista segundo o qual a lingüística, na medida em que é científica e explicativa, tem que ser necessariamente histórica. Contra tal colocação, Saussure argumentou que a descrição sincrônica de línguas particulares podia ser igualmente científica; e também que podia ser explicativa. [...] Em vez de investigar o desenvolvimento histórico de determinadas formas ou sentidos, ela demonstra de que maneira todas as formas e sentidos estão inter-relacionados num determinado sistema lingüístico, em determinado ponto no tempo. [...]

[...] Sobre a dicotomia saussureana entre **langue** e **parole**, entre **sistema lingüístico** e **comportamento lingüístico**, o que tem que ser enfatizado é o caráter abstrato da concepção de sistema lingüístico de Saussure. [...] Não estaremos violentando seu pensamento, se dissermos que uma língua é uma **estrutura**... ‘Estrutura’, neste sentido, é mais ou menos equivalente a ‘sistema’: uma língua é um sistema em dois níveis, de relações **sintagmáticas** e **substitutivas** (ou **paradigmáticas**). [...] A primeira é o tipo que ocorre entre elementos que podem aparecer em combinação uns com os outros, em **sintagmas** bem formados; a segunda é o tipo que ocorre entre conjuntos de elementos intersubstituíveis em determinados locais dos sintagmas.

Ele era de opinião que as línguas são sistemas semióticos nos quais aquilo que é significado (**le signifié**) está arbitrariamente associado com aquilo que significa (**le signifiant**).[...] Os significados não podem existir independentemente das formas com as quais estão associados, e vice-versa.

(Lyons, J. *Lingua(gem) e Lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 97; 203-6. Adaptado).

Questão 026

Saussure contestou a crença neogramática de que a abordagem histórica é condição necessária para a análise lingüística.

Questão 027

Segundo o texto, Saussure negou a validade dos estudos históricos das línguas.

Questão 028

O texto aborda as dicotomias saussurianas: *sincronia x diacronia*; *língua x fala*; *relações paradigmáticas x relações sintagmáticas*; *significante x significado*.

Questão 029

A distinção saussuriana entre *língua* e *fala* é paralela à distinção chomskiana entre *competência* e *desempenho*, sobretudo devido ao conceito de língua.

Questão 030

A distinção estruturalista entre *oposição* e *variação* é uma das dicotomias saussurianas abordadas no texto.

Questão 031

No texto, *sistema* e *estrutura* são conceitos que se completam.

Questão 032

Pode-se considerar a dicotomia *relações paradigmáticas x relações sintagmáticas* como *relações de substituição* e *de combinação*, respectivamente.

QUESTÕES de 033 a 040

beba coca cola
babe cola
beba coca
babe cola caco
caco
cola
c l o a c a

(Décio Pignatari, 1957. In: AZEVEDO FILHO, L. A. de (Org.). *Poetas do Modernismo: antologia crítica*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972. v.6, p.145.)

Questão 033

Esse texto é classificado como “sem sintaxe”.

Questão 034

Os vocábulos “babe” e “cola” (v.2) estão em relação sintagmática.

Questão 035

Os vocábulos “beba” e “babe” constituem um par mínimo.

Questão 036

Os vocábulos “coca” e “cola” constituem um par mínimo.

Questão 037

Os vocábulos “beba” e “babe” estão em relação paradigmática.

Questão 038

No texto estão exemplificadas quatro estruturas silábicas do português.

Questão 039

Tanto em “coca” quanto em “cloaca”, o primeiro segmento vocálico deve ser representado fonologicamente por um arquifonema em virtude do processo de neutralização.

Questão 040

O texto explora as relações entre elementos da língua portuguesa no nível fonológico, no sintático e no semântico.

QUESTÕES de 041 a 050

Corremo o dia, quando foi à tardezinha, tornemo a dexá no mato. Aí, se a gente curria perto dela no começo, no fim tava ficano mais longe. Aí, quando foi à tardizinha, que não tinha mais adonde corrê, a gente se combinô:

- 5 – – Vamo s’imbora, purque a gente num pega não!
 – Vombora!

Mas aí já tudo discalquiado, num sabe? Daí pa casa, ninguém tinha mais uma palavra de um pa oto. Cheguemo im casa, já tava os oto tudo, que trabaiaava também. A gente riunimo ali e:

- 10 – – Acontece que num pegamo a nuvilha não.
 – Intão vamo marcá pa essa semana que vem.
 [...]

- 15 – Aí voltiemo pa torná a avinturá de novo; isso aí já cum três carrera, fazeno quato! Aí a gente tornô i(r). Assim, combinemo os quatro pa, na hora que um passasse, que trapalhasse qualqué coisa, o oto incostá e passá, pa num dexá ela tumá... alonjá da gente. Num foi nada não! Corremo o dia, de sete hora até anoitecê que nós ficô no mato.

A gente voltô pra casa os quato. [...] Aí fizemo uma riunião mais uns vaquero de fora, e se achô vinte e tantos vaquero.

20 – [...] Achamo fáci, logo assim... numa roça; achamo numa roça. A gente tirô uns atai, botô uns cachorro, ficô dano nela assim, acumpanhô. Nós corremo o dia todinho, fomo pegá umas duas pa três hora da tarde. Peguemo não! Ela, quando não ‘güentô, caiu, e os cachorro chegaro e apruveitaro, e aí a gente chegô, aí...

(Boaventura Antônio dos Santos, vaqueiro **Boinha**, 36 anos, Itiúba, Ba. In: *Histórias de vaqueiros: vivências e mitologia*. Salvador: IPAC, 1987. v.1, p.78.)

Questão 041

No texto, as formas “dexá”(ℓ.1), “combinô”(ℓ.4) e “num” (ℓ.5) exemplificam variações fônicas diafásicas, generalizadas na modalidade falada do português brasileiro.

Questão 042

A forma “discalquiado” (ℓ.7) é exemplo de variante lexical, provavelmente diatópica.

Questão 043

As formas “Cheguemo” (ℓ.8), “combinemo” (ℓ.13), “Peguemo” (ℓ.21) apresentam alomorfia de vogal temática e morfema número-pessoal, em relação à norma padrão.

Questão 044

As formas “Corremo” (ℓ.15) e “fizemo” (ℓ.17) exemplificam variação mórfica diacrônica.

Questão 045

Os sintagmas “vinte e tantos vaquero” (ℓ.18) e “os cachorro” (ℓ.22) exemplificam variação no nível morfossintático, relativa à marcação de número no sintagma nominal.

Questão 046

As formas “fáci” (ℓ.19) e “atai” (ℓ.20) exemplificam variação fônica generalizada na modalidade falada do português brasileiro.

Questão 047

Encontram-se no texto as seguintes características da modalidade falada: redundâncias, retificações, retomadas, interrupções.

Questão 048

A forma “discalquiado” (ℓ.7) apresenta a seguinte estrutura mórfica: morfema lexical derivacional + morfema lexical básico + morfema flexional + vogal temática.

Questão 049

A função sintática de “que” (ℓ.8) é objeto direto.

Questão 050

A sequência “os quatro” (ℓ.13) configura um SN com núcleo elíptico e é o sujeito do verbo “combinemo”.

PROVA II: ESTUDOS LITERÁRIOS

INSTRUÇÃO:

Para cada questão, de **051** a **100**, marque na coluna correspondente da Folha de Respostas:

V, se a proposição é verdadeira;

F, se a proposição é falsa.

A resposta correta vale 1 (um); a resposta errada vale -1 (menos um); a ausência de marcação e a marcação dupla ou inadequada valem 0 (zero).

Questão 051

A divisão tripartite dos gêneros literários em Lírica, Épica e Dramática pressupõe uma incompatibilidade entre eles, havendo em suas representações um claro delineamento das características de cada um.

Questão 052

Presença da função expressiva da linguagem, tempo presente e primazia do sujeito poético são traços típicos da Lírica.

Questão 053

No gênero épico, retrata-se uma história presente vivida pelo narrador.

Questão 054

Um elemento dramático pode estar presente numa obra literária pertencente à Lírica ou à Épica.

Questão 055

A narrativa, inclusive o romance, embora com características próprias, é incluída, na divisão tripartite dos gêneros, na Épica.

Questão 056

As teorias modernas acerca do autor da obra literária não confundem o sujeito da enunciação com o sujeito psicológico.

Questão 057

O debate sobre a intenção do autor põe em confronto teorias que defendem a autonomia do texto e sua auto-referencialidade e teorias que buscam explicações da obra na vida do autor.

Questão 058

Autor, narrador, personagem são instâncias subjetivas diferenciadas, na estrutura objetiva da obra.

Questão 059

Escolha, responsabilidade são termos aplicáveis a uma definição de estilo.

Questão 060

Uso de recursos estilísticos e recursos imagísticos são incompatíveis na construção de um poema.

Questão 061

Imagem é um conceito teórico referente a um processo transfigurador da realidade na realização da *mimese* artística.

QUESTÕES de 062 a 067**À Bahia**

Tristes sucessos, casos lastimosos,
desgraças nunca vistas, nem faladas,
são, ó Bahia! vésperas choradas
de outros que estão por vir mais estranhos:

Sentimo-nos confusos, e teimosos,
pois não damos remédio às já passadas,
nem prevemos tampouco as esperadas,
como que estamos delas desejosos.

Levou-vos o dinheiro a má fortuna,
ficamos sem tostão, real nem branca,
macutas, correão, novelos, molhos:

Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna,
e é que, quem o dinheiro nos arranca,
nos arranca as mãos, a língua, os olhos.

(MATOS, Gregório de. In: MENDES, C.F. *Senhora Dona Bahia*. Salvador: EDUFBA, 1996. p.87.)

Questão 062

Esse poema é um exemplo típico da lírica amorosa do século XVII.

Questão 063

No poema, há omissão do sujeito social – identificado com o autor do texto – o que exige a contextualização sociocultural, para interpretá-lo.

Questão 064

Para o poeta, a situação em que se encontrava a Bahia indicava um futuro promissor para a cidade e seus habitantes.

Questão 065

No poema, os habitantes da cidade demonstram constantemente sua insatisfação para com os governantes.

Questão 066

De acordo com o texto, a população não reage, por causa da truculência daqueles que praticam os desmandos administrativos.

Questão 067

A produção satírica de Gregório de Matos critica os governantes, ricos e poderosos, mas exalta os religiosos e os desafortunados.

QUESTÕES de 068 a 074

Em que se declara o modo e linguagem dos Tupinambás.

Ainda que os Tupinambás se dividiram em bandos, e se inimizaram uns com outros, todos falam uma língua que é quase geral pela costa do Brasil, e todos têm uns costumes em seu modo de viver e gentilidades; os quais não adoram nenhuma coisa, nem têm nenhum conhecimento da verdade, nem sabem mais que há morrer e viver; e qualquer coisa que lhes digam, se lhes mete na cabeça, e são mais bárbaros que quantas criaturas Deus criou. Têm muita graça quando falam, mormente as mulheres; são muito compendiosas na forma da linguagem, e muito copiosos no seu orar; mas falta-lhes três letras da do *A B C*, que são *F, L, R* grande ou dobrado, coisa muito para se notar; porque se não têm *F*, é porque não têm fé em nenhuma coisa que adorem; nem os nascidos entre os cristãos e doutrinados pelos padres da Companhia têm fé em Deus Nosso Senhor, nem têm verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhes faça bem. E se não têm *L* na sua pronúnciação, é porque não têm lei alguma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um faz lei a seu modo, e ao som da sua vontade; sem haver entre eles leis com que se governem, nem têm lei uns com os outros. E se não têm esta letra *R* na sua pronúnciação, é porque não têm rei que os reja, e a quem obedecam, nem obedecem a ninguém, nem ao pai o filho, nem o filho ao pai, e cada um vive ao som da sua vontade; para dizerem Francisco dizem Pancico, para dizerem Lourenço dizem Rorenço, para dizerem Rodrigo dizem Rodigo; e por este modo pronunciam todos os vocábulos em que entram essas três letras.

(SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Ed. crítica por F. A. de Varnhagen, rev. atual. por Leonardo Dantas Silva. 9.ed. Recife: Fund. Joaquim Nabuco/Ed.Massangana, 2000. p.262.)

Questão 068

No período colonial brasileiro, a cultura letrada incorporou ao seu código aspectos qualitativa e quantitativamente significativos da linguagem e do imaginário das culturas autóctones.

Questão 069

Os textos produzidos pelos cronistas devem ser considerados meros registros documentais dos primeiros contatos entre portugueses e indígenas.

Questão 070

Os tupinambás são descritos como propensos à adoção do cristianismo como religião.

Questão 071

Para Gabriel Soares, o modelo de organização europeu era o único e legítimo modo de organização política e religiosa a ser adotado por todo e qualquer agrupamento humano.

Questão 072

Os textos produzidos no período colonial caracterizam e constroem um imaginário que sugere um alto nível de compreensão do Outro.

Questão 073

Nas crônicas do período colonial e nas crônicas do século XX, a figura do autor é praticamente a mesma, devido à confluência de função dos seus textos,

Questão 074

No texto apresentado, o cronista faz uma associação ideológica entre a ausência de fonemas (ditos *letras*) nas falas dos tupinambás e sua estrutura de pensamento.

QUESTÕES de 075 a 083

Quando a cavalgata chegou à margem da clareira, ali se passava uma cena curiosa.

Em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.

Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam *aimará*, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, cala-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem.

Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor de cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência.

Tinha a cabeça cingida por uma fita de couro, à qual se prendiam do lado esquerdo duas plumas matizadas, que descrevendo uma longa espiral, vinham roçar com as pontas negras o pescoço flexível.

Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma axorca de frutos amarelos, apoiava-se sobre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida. Segurava o arco e as flechas com a mão direita caída, e com a esquerda mantinha verticalmente diante de si um longo forcado de pau enegrecido pelo fogo.

Perto dele estava atirada ao chão uma clavina tauxiada, uma pequena bolsa de couro que devia conter munições, e uma rica faca flamenga, cujo uso foi depois proibido em Portugal e no Brasil.

Nesse instante erguia a cabeça e fitava os olhos numa sebe de folhas que se elevava a vinte passos de distância e se agitava imperceptivelmente.

Ali por entre a folhagem, distinguiram-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; às vezes viam-se brilhar na sombra dois raios vítreos e pálidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do sol.

Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de árvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco.

Batia os flancos com a larga cauda, e movia a cabeça monstruosa, como procurando uma aberta entre a folhagem para arremessar o pulo; uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas e mostrava a linha de dentes amarelos; as ventas dilatadas aspiravam fortemente e pareciam deleitar-se já com o odor do sangue da vítima.

O índio, sorrindo e indolentemente encostado ao tronco seco, não perdia um só desses movimentos e esperava o inimigo com a calma e serenidade do homem que contempla uma cena agradável: apenas a fixidade do olhar revelava um pensamento de defesa.

Assim, durante um curto instante, a fera e o selvagem mediram-se mutuamente, com os olhos nos olhos um do outro; depois o tigre agachou-se, e ia formar o salto, quando a cavalgata apareceu na entrada da clareira.

Então o animal, lançando ao redor um olhar injetado de sangue, eriçou o pêlo e ficou imóvel no mesmo lugar, hesitando se devia arriscar o ataque.

O índio, que ao movimento da onça acurvara ligeiramente os joelhos e apertava o forcado, endireitou-se de novo; sem deixar a sua posição, nem tirar os olhos do animal, viu a banda que parara à sua direita.

Estendeu o braço e fez com a mão um gesto de rei, que rei das florestas ele era, intimando aos cavaleiros que continuassem a sua marcha.

(ALENCAR, José de. *O Guarani*. São Paulo: Martin Claret, 2003. p. 25-7.)

Questão 075

A literatura brasileira do século XIX constitui-se lugar privilegiado para a construção e divulgação das imagens selecionadas para compor o discurso da nacionalidade brasileira.

Questão 076

José de Alencar, com seus heróis índios, procede a uma alteração das imagens destes mesmos índios difundidas pelos cronistas coloniais.

Questão 077

O trecho “Assim, durante um curto instante, a fera e o selvagem mediram-se mutuamente, com os olhos nos olhos um do outro” sugere que o índio e a onça estão em planos opostos no que se refere ao binômio cultura/natureza.

Questão 078

Os romances indianistas brasileiros apresentam traços estéticos revolucionários, distanciando-se das matrizes européias de estilo romântico.

Questão 079

Pela descrição de Peri, podemos afirmar que, nos romances indianistas, a todos os índios são atribuídos valores como pureza, beleza, lealdade, coragem e nobreza, que os caracterizam como heróis nacionais.

Questão 080

Na plasticidade da cena apresentada no texto, percebe-se que o narrador constrói uma relação de contigüidade entre a natureza brasileira e o homem escolhido para símbolo de brasilidade.

Questão 081

A dimensão mítica da matéria épica, apelando para o maravilhoso nativo, integra a perspectiva indígena no discurso da brasilidade e põe em cena o colonizado como herói.

Questão 082

A comunicação gestual de Peri, no último parágrafo do texto, indica a auto-suficiência da cultura indígena ante a cultura do branco.

Questão 083

Na cena apresentada, predomina a descrição, traço presente no gênero épico, mas o clima é de tensão, traço do gênero dramático.

QUESTÕES de 084 a 092

Tanto de meu estado me acho incerto,
que em vivo ardor tremendo estou de frio;
sem causa, juntamente choro e rio,
o mundo todo abarco e nada aperto.

É tudo quanto sinto, um desconcerto;
da alma um fogo me sai, da vista um rio;
agora espero, agora desconfio,
agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao Céu voando,
num' hora acho mil anos, e é de jeito
que em mil anos não posso achar um' hora.

Se me pergunta alguém porque assi ando,
respondo que não sei; porém suspeito
que só porque vos vi, minha Senhora.

(CAMÕES, Luís de. *Lírica*. Intr. notas por Aires da Mata Machado Filho. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1982. p. 154-5.)

Questão 084

A figura de linguagem predominante no poema é o paradoxo, que define o estado do sujeito poético.

Questão 085

O sujeito poético está confuso, indeciso, sem encontrar a feição própria de sua alma, porque não sabe a quem ama.

Questão 086

O estado emocional do sujeito poético e sua conseqüente fragmentação são elementos próprios da lírica amorosa: atmosfera dilemática do amor e não realização do amor real no plano terreno.

Questão 087

No poema, não há unidade temático-estilística, em decorrência da atmosfera conflituosa e da dualidade de sentimentos.

Questão 088

Para conferir expressividade ao poema, “vivo ardor”, “o mundo todo abarco”, e “da alma um fogo me sai, da vista um rio” devem ser tomados no sentido literal.

Questão 089

Um dos temas mais freqüentes na poesia de Camões é o da adequação entre as exigências íntimas da vida e as possibilidades de satisfazê-las.

Questão 090

Em *Os Lusíadas*, história imaginária de inspiração clássica, a mitologia desempenha a função de fornecer unidade de ação e um enredo dinâmico.

Questão 091

Os Lusíadas utilizam comparações que evidenciam leitura dos autores clássicos e dos bestiários medievais.

Questão 092

O poema épico, que tem como referência *Os Lusíadas*, encontra vários representantes na produção colonial brasileira, desde Bento Teixeira até Basílio da Gama.

QUESTÕES de 093 a 096**CANÇÃO AMIGA**

Eu PREPARO uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me vêem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.

(ANDRADE, C. Drummond de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964. p.221.)

Questão 093

O poema tem como tema sua própria poética e apresenta uma função revolucionária.

Questão 094

Um dos elementos que revela o cunho social do poema é configurado pelo verso “que faça acordar os homens”.

Questão 095

Trata-se de um poema épico de forte cunho subjetivo.

Questão 096

Uma função desempenhada pela literatura – função utópica – está presente no poema pela natureza de seu efeito no leitor: refletir sobre seu apelo.

QUESTÕES de 097 a 100**Questão 097**

O teatro vicentino, nos seus aspectos ideológicos e estéticos, participa da atmosfera humanista e renascentista de Portugal, integrando também à sua produção teatral formas criadas fora de Portugal.

Questão 098

O teatro vicentino em geral privilegia tipos extravagantes e sem correspondência com a realidade social da época.

Questão 099

Um dos tipos mais louvados por Gil Vicente é o clérigo, que se encontra presente nos vários setores da vida portuguesa, da aldeia à cidade.

Questão 100

No conjunto, os autos de Gil Vicente incorporam a tradição peninsular nos seus diversos aspectos, misturando polêmica religiosa, crítica social e alegorias de tema profano.

REDAÇÃO

- INSTRUÇÕES:
- Escreva sua Redação, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
 - Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
 - O rascunho deve ser feito no local apropriado do Caderno de Questões.
 - Na Folha de Resposta, utilize apenas o espaço a ela destinado.
 - Será atribuída pontuação ZERO à Redação que
 - não se atenha ao tema proposto;
 - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
 - apresente texto incompreensível ou letra ilegível;
 - esteja escrita em verso.
 - Será ANULADA a prova que
 - não seja respondida na respectiva Folha de Resposta;
 - esteja assinada fora do local apropriado;
 - possibilite a identificação do candidato.

A partir da leitura dos textos a seguir, os quais apresentam representações do Brasil de acordo com um imaginário específico, escreva, **criticamente**, um texto dissertativo sobre os traços de identidade do Brasil como Nação.

Texto I:

Esse Brasil é meu

Esse Brasil é meu
Esse Brasil é meu
Eu não vendo nem entrego
Porque ele é meu

} Refrão

Eu nasci aqui nesse clima tropical.
No país do carnaval, da cachaça e do forró,
da moreninha, da mulata e do caboclo,
do cara que corta coco, dos heróis do futebol.
Do homem liso que perambula na rua,
daquela criança nua, correndo atrás de tostão.
Daquele rico dormindo em berço de ouro,
daquele chapéu de couro e do tempo de Lampião.

[Refrão]

Quem é que não quer desfrutar dessa nação,
uma terra sem futuro onde canta o sabiá.
Onde se brinca, se caçoa, se debocha,
mesmo quando a coisa arrocha
e a barriga vai roncar.
Esse Brasil que navega numa canoa.
Onde o dinheirinho voa do bolso do cidadão.
Da loteria que faz um milionário,
tirando aquele operário daquela vida de cão.

[Refrão]

Quem é que vai duvidar dum negócio desse, rapaz.
Tás brincando, tás conversando besteira cum a polícia, rapaz!
Ah! S'imbora!

} Trecho
falado

[Refrão]

Eu nasci aqui nesse clima tropical.
No país do carnaval, da cachaça e do forró,
da moreninha, da mulata e do caboclo,
do cara que corta coco, dos heróis do futebol.
Do homem liso que perambula na rua,
daquela criança nua, correndo atrás de tostão.
Daquele rico dormindo em berço de ouro,
daquele chapéu de couro e do tempo de Lampião.

Ah! Meu irmão, a única coisa que tá precisando é os homens ter
juízo porque o resto.... Ah!.

} Trecho
falado

BARROS, Antônio. Esse Brasil é meu. In: *Dose dupla*. Dominginhos.

Texto II:

Canção do Exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunho a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

MENDES, Murilo. Canção do exílio. In: _____. *O menino experimental: antologia*. São Paulo: Summus, 1979.
p.31. (Coleção Palavra Poética)

Texto III:

Retrato do Brasil.

Numa terra radiosa vive um povo triste. Legaram-lhe essa melancolia os descobridores que a revelaram ao mundo e a povoaram. O esplêndido dinamismo dessa gente rude obedecia a dois grandes impulsos que dominam toda a psicologia da descoberta e nunca foram geradores de alegria: a ambição do ouro e a sensualidade livre e infrene que, como culto, a Renascença fizera ressuscitar.

Dessa Renascença surgira um homem novo com um novo modo de pensar e sentir. A sua história será a própria história da conquista da liberdade consciente do espírito humano.(...)

O encontro do europeu, ao sair da zona temperada, com a exuberância de natureza tão nuançada de força e graça, foi certamente a culminância da sua aventura. (...)

Na zona equatorial do Brasil o clima constantemente úmido e quente desenvolve uma força e violência de vegetação incomparável. (...) Nela, os sentidos imperfeitos do homem mal podem apanhar e fixar a desordem de galhos, folhagens, frutos e flores, que o envolve e submerge. (...)

Águas e matas foram a surpresa e o encanto dos descobridores. Da beleza das paisagens não cuidavam. Não era, nem do tempo nem da raça, o amor à natureza.(...) Mas todos sofriam a sedução dos trópicos, vivendo intensamente uma vida animal e bebendo com delícia um ar como que até então irrespirado.

PRADO, Paulo. Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira. In: SANTIAGO, Silviano (Coord.) *Intérpretes do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. v. II, p.29-33.

R A S C U N H O

R A S C U N H O

**Direitos autorais reservados. Proibida a
Reprodução, ainda que parcial, sem autorização
Prévia da Universidade Federal da Bahia – UFBA.**